

próceres dos moderados, Evaristo da Veiga, como aconteceu na igreja de Sancta Rita.

Cumpra também não esquecer a tentativa de assassinato contra o mesmo Evaristo, posta em prática ainda em dias de Novembro de 1832.

Por outro lado não amainaram as choleras dos exaltados. Recrudesceram-lhes, com o malôgro do golpe de Estado, antigos odios e rancores.

E, si com a decretação da precitada reforma constitucional os moderados pretendiam arrancar ao espirito revolucionario dos exaltados o pretexto de agitações e a sua principal arma de guerra, nada conseguiram. O golpe de Estado teve, pois, effeitos negativos. E assim havia de ser. Ou não de-vera ter sido divulgado, chegando-se até a imprimir uma nova Constituição, ou combinadas préviamente as reformas, ellas deveriam ter sido levadas a termo.

Não se comprehende como em occasião decisiva e no momento da acção, os compromettidos, por solenne accôrdo, se reduzissem ás "suas opiniões individuaes", em contrario do que havia sido préviamente pactuado no Club da Floresta!

Esta reviravolta de opiniões constituiu, pois, verdadeiro "fiasco" politico.

15 de Agosto de 1909.

## A GLORIA

Por esse tempo, em 1823, acompanhado por sua familia e côrte, subia o pittoresco outeiro da Gloria o imperador d. Pedro I.

Dirigia-se á capella fundada por Antonio Caminha, para dar graças á padroeira desse antigo sanctuario; pois grave accidente puzera em risco os dias do jovem monarcha.

A proposito deste facto devo accrescentar que circulou por muito tempo entre as classes do povo curiosa anedocta attribuida ao dr. Antonio Ferreira França, ou dr. Francinha, como era vulgarmente conhecido.

Examinado por diversos medicos do Paço, todos elles attribuiram a violenta quéda os traumatismos que d. Pedro soffrera.

O imperador quiz ouvir a opinião do tão illustre quão eccentrico dr. Francinha. Este, com a franqueza que lhe era peculiar, pediu permissão ao egregio doente para fallar com toda consciencia.

— Anda, dize o que pensas — Não, nada do que Vossa Magestade apresenta é devido a quéda. Penso ser o resultado de alguma coça de pau.

Foste o unico a acertar, respondeu-lhe d. Pedro. Os teus collegas são uns alhos. Tu, sim, és um grande e verdadeiro medico. E por isto foi nomeado medico da Imperial Camara o dr. Ferreira França.

Pondo em dúvida a realidade da anedocta, vejamos o que sôbre o desastre disseram os jornaes do tempo, os boletins dos facultativos, e os que se occuparam do acontecimento.

Em 30 de Junho de 23, recolhia-se d. Pedro I, da fazenda do Macaco. Eram mais de 6 horas da tarde, e, ao chegar á ladeira do Paço de S. Christovam o cavallo em que montava o imperador espanta-se. Para a garupa do animal, arrebetadas as silhas, correu o selim. O cavallo começa a corcovear e correr desabridamente. D. Pedro, perito cavalleiro, viu o perigo e, não podendo conter o animal, deixou-se cair para o lado esquerdo.

Bateu com o dorso em cheio sôbre o barro da ladeira. Tentou levantar-se. Não o conseguiu. Feitos novos esforços, poudé erguer-se e teve forças para gritar por soccorro.

Nesse momento chegava a imperatriz tambem a cavallo. Ficara distanciada de seu esposo. Como é sabido, cavalgava elle sempre a galope sem esperar pelos que iam em sua companhia.

Apoiado em uma bengala, poudé o enfermo com muita difficuldade subir a escada em frente ao pateo e chegar ao torreão da Quinta da Boa Vista.

Reconheceram os medicos de serviço haver fractura directa da septima costella esternal do lado direito no ponto de reunião do terço médio com o posterior, fractura por contra pancada na terceira costella do lado esquerdo comprehendendo o terço anterior, luxação incompleta da extremidade esternal da clavicula esquerda, grande contusão no quadril com forte distensão dos musculos que cercam a articulação femuro-illiaca, e dôres gravativas, principalmente no nervo sciatico.

A meia noite foi sangrado o imperador. A's duas da madrugada foram-lhe applicadas 19 sanguesugas no quadril. Ao amanhecer aventou-se a sangria. No mesmo dia 1º de Julho á noite soffreu d. Pedro a applicação de 12 sanguesugas na região thoracica. Continuou o enfermo de cama, sendo-lhe por vezes renovados os apparatus contentivos das fracturas.

Causou o desastre grande abalo na cidade. No dia 10 de Julho dirigiu-se ao Paço de S. Christovam uma commissão de septe membros da Assembléa Constituinte para festimunhar

ao imperador a magua sentida pelos representantes da nação.

Durante a molestia de d. Pedro não deixou a imperatriz d. Maria Leopoldina de ir á egreja da Gloria para ouvir missa e pedir a protecção de Nossa Senhora.

No dia 17 de Agosto vestiu-se o enfermo e deu ligeiro passeio nos jardins da Quinta. Antes, no dia 7, o dr. Guimarães Peixoto havia retirado osapparelhos.

No dia 19 resolveu-se d. Pedro a dar audiéncia, ás 10 horas da manhã, no Paço da Cidade, tendo-se dirigido antes á Gloria, acompanhado de numerosa comitiva.

Ahi ouviu missa e em seguida, depois da audiéncia, visitou os arsenaes de guerra e marinha. Em signal de regoijo a cidade illuminou na noite deste dia.

Em 11 de Agosto, nova commissão da Assembléa Constituinte foi a S. Christovam felicitar o imperador pelo seu restabelecimento. Ao discurso do orador respondeu d. Pedro pelo modo seguinte: "As provas de amor á minha Imperial Pessoa e de interesse pela minha saude, que a Assembléa Geral Constituinte deste Imperio tem dado, são tantas além desta, que penhoram meu imperial coração e o obrigam a agradecer-lhe e certificar-lhe que, enquanto vida tiver, hei de defender a patria dos inimigos internos e externos, as attribuições que de direito me competem como imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, e os interesses da briosa nação brasileira, que tão credora é de todos os sacrificios que puderem fazer aquelles que verdadeiramente amarem ao Brasil e forem tão Brasileiros como eu o sou e me prezo ser".

Em 24 de Agosto realizou-se solenne "Te-Deum" na egreja de S. Francisco de Paula mandado celebrar pela Guarda de Honra do imperador, em acção de graças pelo restabelecimento do soberano. Subiu ao pulpito frei Francisco de Monte'Alverne.

Alludindo á vinda do imperador á cidade e á visita dos arsenaes escreveu o dr. Moreira de Azevedo: "por esses factos prova-se a actividade extraordinaria do fundador do Imperio, que no primeiro dia que saía, depois de longa enfermidade, já se achava com forças para fazer exercicio tão prolongado."

O illustre e consciencioso chronista ignorava a verdadeira imprudéncia commettida por d. Pedro I, ainda não de todo restabelecido.

Alludo á dissolução do "Apostolado", que funcionava no edificio hoje occupado pelo Lyceu de Artes e Officios, na rua Treze de Maio, antiga da Guarda Velha. Desse facto dá pormenores o conselheiro Drummond.

Para contrabalançar a influencia da Maçonaria, José Bonifacio e seus partidistas fundaram uma associação secreta com o titulo de "Apostolado", tendo por chefe o proprio imperador com o titulo de archonte rei.

Taes e tantas foram as intrigas politicas, que o imperador dissolveu em Outubro de 1822 o Grande Oriente, do qual era grão-mestre.

Sobre o animo do principe ganhava influencia a gente do *Apostolado*. Por sua vez José Bonifacio soffreu o combate das paixões do tempo. Os intrigantes puderam fazer com que a pouco e pouco o monarcha perdesse a confiança, que lhe havia merecido até então seu ministro e amigo.

Durante a enfermidade recebeu o imperador uma carta ancnyma, na qual se lhe garantia que no *Apostolado* se conspirava até contra a vida do imperante.

Entre d. Pedro e José Bonifacio tinha havido sérias discussões acérea dos acontecimentos politicos de S. Paulo. O imperador estava resolvido a conceder plena amnistia. José Bonifacio oppunha-se, e attribuia a benevolencia do imperador a suggestões de uma senhora, com quem d. Pedro mantinha intimas relações.

Em certa noite de Julho de 23, ao ter conhecimento o imperador da referida carta, mandou José Bonifacio conversar com a imperatriz, saiu do leito, fez-se seguir de alguns soldados de cavallaria e dirigiu-se á cidade, entrando inesperadamente no recinto das sessões do "Apostolado". Fez dispersar os *Apostolos* e apoderou-se dos papeis, que estavam sobre a mesa do presidente.

Em 17 de Julho pede demissão José Bonifacio. Elle e seus amigos começam a fazer no seio da Constituinte parte da opposição ao Governo. Os acontecimentos precipitaram-se, dando afinal em resultado a dissolução, em 12 de Novembro, da nossa primeira Assembléa Legislativa. Tudo isto são cousas conhecidas e sabidas.

Mas o que tem taes velharias e a quéda de d. Pedro I com a capella da Gloria, dirá o leitor? Vou explicar e entro em materia. Tenho um velho amigo muito devoto de Nossa Senhora da Gloria e assiduo frequentador das missas celebradas na manhã do dia 15 de Agosto de cada anno.

Desde muito notava elle ao lado esquerdo da capella-mór um grande painel, cuja significação ignorava. Este anno a chuva afugentou muita gente, e o meu devoto pôde, á vontade, contemplar o quadro, que tanto o intrigava. Dei-lhe a explicação.

Você deve ter visto um individuo fardado sustido por um anjo, que com seu escudo afugenta a morte que procura ap-

proximar-se do cavalheiro protegido pela graça divina. Tracta-se de d. Pedro I amparado pelo anjo Custodio do Imperio. Ao lado direito está uma senhora a cavallo. E' a primeira imperatriz d. Maria Leopoldina, que implora a protecção da Virgem da Gloria em favor do marido. Na parte superior da tela divisa-se entre nuvens a imagem de Nossa Senhora, reproducção da que é venerada no alto do throno. O quadro pintado por um artista francez, cujo nome ignoro, foi collocado em 1827, a principio na sacristia, e depois removido para o lugar de honra em que até hoje permanece.

Quanto ás lettras que se notam embaixo do quadro, nada posso dizer. Ha quarenta e um annos que não subo o lendario outeiro, pertencente outr'ora ao dr. Claudio Gurgel do Amaral, dono ahi da chacara do "Oriente".

Deve ser uma inscripção em latim, allusiva ao desastre soffrido pelo primeiro imperador.

O meu amigo e devoto da Gloria ficou de lá ir para copiar o disticho e m'o transmittir.

Até á última hora de hoje não appareceu.

Fiquei, pois, "in albis".

22 de Agosto de 1909.

## RUA DO PIOLHO

Acudo pressuroso a responder á questão que me foi proposta pelo infatigavel e operoso collaborador da *Gazeta de Noticias*, signatario do *Aqui, Ali, Acolá*.

Na edição de ante-hontem, o illustre M. A., dando noticia de um assassinato commettido em S. Paulo no *morro do Piolho*, escreveu: "Seria interessante saber porque os piolhos tiveram em tantos logares a honra de baptisar ruas e montes. Aqui, tivemos, de facto, a rua, como S. Paulo tem o morro do Piolho."

Pouco conhecedor das cousas da antiga capitania de São Vicente, nada posso dizer com referencia ao precitado morro.

Fazendo das fraquezas forças, algo referirei ácerca da via pública do Rio, conhecida até 1852 pelo nome de rua do Piolho, chrimada depois em rua da Carioca, São Francisco de Assis e ainda muito mais tarde de novo rua da Carioca.

Augmentada a sua largura, com bom calçamento, fartamente illuminada, e ostentando bellissimos edificios, a velha e